

Corpo de
Tigre
Alma de
Fênix

Fabio Toledo

Corpo de
Tigre
Alma de
Fênix



Copyright© 2014 por Brasport Livros e Multimídia Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, sob qualquer meio, especialmente em fotocópia (xerox), sem a permissão, por escrito, da Editora.

Editor: Sergio Martins de Oliveira

Diretora: Rosa Maria Oliveira de Queiroz

Gerente de Produção Editorial: Marina dos Anjos Martins de Oliveira

Revisão: Maria Helena A. M. de Oliveira

Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Capa: Trama Criações

Técnica e muita atenção foram empregadas na produção deste livro. Porém, erros de digitação e/ou impressão podem ocorrer. Qualquer dúvida, inclusive de conceito, solicitamos enviar mensagem para editorial@brasport.com.br, para que nossa equipe, juntamente com o autor, possa esclarecer. A Brasport e o(s) autor(es) não assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso deste livro.

T649c

Toledo, Fabio

2014.

Corpo de Tigre, Alma de Fênix / Fabio Toledo – Rio de Janeiro: Brasport,

ISBN: 978-85-7452-692-8

1. Romance Brasileiro I. Título

CDD: 869.93

Ficha catalográfica elaborada por bibliotecário – CRB7 6355

BRASPORT Livros e Multimídia Ltda.

Rua Pardal Mallet, 23 – Tijuca

20270-280 Rio de Janeiro-RJ

Tels. Fax: (21) 2568.1415/2568.1507

e-mails: marketing@brasport.com.br

vendas@brasport.com.br

editorial@brasport.com.br

site: **www.brasport.com.br**

Filial SP

Av. Paulista, 807 – conj. 915

01311-100 – São Paulo-SP

Tel. Fax (11): 3287.1752

e-mail: filialsp@brasport.com.br

Dedico este livro primeiramente a Deus e a seus Anjos de Luz. Dedico-o ainda a meus pais, Henrique e Iara Toledo. Devo a vocês tudo o que tenho e sou. Vós sois meus eternos mentores e os verdadeiros autores desta obra, pois este livro reflete tudo o que sempre me ensinaram ao longo da vida.

Dedico este livro também a meus eternos e preciosos amores, minha esposa e meus filhos, Erica, Gabriel e Sophie Toledo. Dedico-o ainda aos demais membros de minha família, em especial a minhas irmãs e minha sobrinha Soraia, Vanessa e Manuela Toledo, minhas tias Regina Teixeira e Cleusa Oliveira, meus avós de coração, Licério e Celi Andrade, e a meus sogros e cunhados Batista, Selma, Rodrigo e Fabiana Silva.

Agradecimentos

Este livro é fruto de muito trabalho e dedicação.

Agradeço a todos os que me ajudaram nessa tarefa, em especial a minha família, a Ney Suassuna e Ricardo Zimmer, por terem me dado a honra de escrever o prefácio desse livro, pela amizade e pelos sábios ensinamentos.

Agradeço ainda a Raquel e demais membros da família Suassuna, e a Mariza Bozzetto pela amizade, confiança e suporte. Agradeço ainda a todos os colaboradores da Brasport que participaram desta obra, especialmente Rosa Queiroz, Sergio Martins e Marina Oliveira, pelo apoio e confiança.

Prefácio Técnico

Quando eu era um menino lá na minha Paraíba, ouvi um ancião dizer para os netos: “o Diabo não é sabido porque é Diabo, e sim porque é velho”

O objetivo dele era fazer com que os jovens respeitassem e ouvissem os mais velhos.

Hoje, já na casa dos setenta, hora em que a experiência é muito importante, eu concordo e discordo da sentença.

Como homem já vivido, vi inúmeras famílias com filhos educados da mesma forma, frequentando a mesma escola e os mesmos lugares, porém uns tiveram sucesso e outros mais. Muitas pessoas se perguntam: qual a diferença? Destino? Oportunidades? O que causa o diferencial?

Eu respondo:

- ✓ A capacidade de ter iniciativas.
- ✓ A criatividade dos que venceram.
- ✓ A capacidade de análise.

O empreendedorismo e a perseverança dos que querem atingir seus objetivos, a lei da capacidade de propor e até ter que construir oportunidades de modo que gere a diferença para os outros, mas gerando em si a capacidade de prever, planejar, implantar, coordenar, administrar e fiscalizar planos e projetos de grandes sucessos.

E essas inúmeras qualidades podem ser desenvolvidas através de estudos, treinamentos e escolhas, que são eternas. Isso sim faz a diferença!

E foi isso que o nosso autor Fabio Toledo fez, levando sua formação intelectual em todos os níveis, construindo sua carreira com estes passos citados, e eu, como uma pessoa que acompanha sua carreira de perto, posso afirmar que esta é uma carreira de sucesso. E além do sucesso obtido, o nosso autor continua nos surpreendendo com seus maravilhosos trabalhos, de fácil compreensão e aprendizado.

Por fim, posso afirmar que este livro será um sucesso e um marco no aprendizado do protagonismo, do empreendedorismo e da inovação. Sei que todos os que lerem irão gostar e verão como este livro contribuirá para o seu “autossucesso”!

Aproveitem!!!

Ney Suassuna

Empresário, escritor, pintor, presidente do Anglo-Americano Escolas Integradas, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), presidente da Associação Comercial e Industrial da Barra da Tijuca, ex-senador e ex-ministro da Integração

Prefácio Literário

“Quando uma criatura humana desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a sua coragem e força que emerge de sua alma, o universo conspira a seu favor”, já dizia Johann Goethe. Assim, todo destino conspira para que possamos saborear respostas, ao menos aquelas que esperamos que façam parte da nossa realidade ou estilo de vida.

No romance de Fabio Toledo, aqui nessas páginas, mergulha-se num universo extremamente elaborado, onde realidades em contrastes revelam espectros e sabores da vida, com um tempero mágico e empolgante. Seus personagens arquitetam seus próprios destinos estampados numa realidade dinâmica e ao mesmo tempo dramática, já que o passado de cada um desses caríssimos revelam rumos, caminhos, histórias e laços em que transitam seguidores de si mesmos, capazes de emergir de um mergulho profundo das profundezas da alma, prontos para recomeçar um novo desafio, feito fênix.

O curioso corpo de tigre e alma de fênix compõe graciosamente o milenar conceito judaico da árvore da vida. A vida que nos move, que nos atrai e nos escraviza em nós mesmos. Essa vida que transborda nos personagens do romance de Fabio questiona os desafios por que cada ser humano passa em sua trajetória. Longe do pecado, do bem e do mal, a grande lição vem do sentido real que estamos vivendo no mundo de hoje, onde a tecnologia comanda diretrizes e os caminhos. Mas não se pode fugir do mais importante dogma, que é a busca por realizações. E nesses encontros e viagens que mais revelam a utopia de cada personagem ao mesmo tempo parece que nunca se está feliz e, sim, que se quer ser feliz a qualquer preço ou ao menos encontrar a felicidade. A angústia que prevalece na saga humana constante de estar sempre em busca de algo que parece estar longe reflete no acordo que cada um tem com o outro, quando estes são pontes para atravessar rios, riachos, lagos...

As viagens à China, ao Rio de Janeiro, a Faxinal do Soturno (cidade da Quarta Colônia, encravada no coração do Rio Grande do Sul, berço da imigração italiana), são cenários que vão levando o leitor a um destino.

Mas que destino é esse que Fabio revela como sentido para a nossa vida, despertando o emblema interior do tigre que temos dentro de nós, prontos a enfrentar os desafios e toda e qualquer ameaça, nem que para isso demos a vida? Afinal, o ataque feroz de um tigre é sempre o tudo ou o nada, porém a alma da fênix, essa que nunca morre, é o que move nossa existência, sempre pronta a trilhar novos rumos e enfrentar os nossos medos. Para o autor dessa memorável obra literária o que vale a pena é nunca ter medo do seu destino e desenvolver cada potencialidade e talento que se tem.

Em um mundo moderno, onde somos basicamente comandados por máquinas e o efeito lógico da tecnologia é o estandarte da nova ordem mundial, o que tem que ser explícito é a força de cada um, a astúcia do tigre dominando sem medos o rumo de sua vida, nem que para isso tenha que se enfrentar um exército. E a guerra interior de cada “visionário-protagonista estratégico e inovador é essencial aos vencedores”, conclama o autor.

Nesse diálogo e nessa busca, onde afirma-se que o mundo precisa de homens estratégicos com visão de tigre, corpo de tigre e força de tigre, parece ser uma das soluções para tantos desafios que temos que enfrentar em cada etapa de nossa vida. Na trama, onde os sentimentos também afloram e o amor de dois personagens divaga como sombra da essência humana, busca-se dividir o tempo com as nuances da vida de cada um. O que de fato vale a pena? O que de fato eu quero para minha vida? O que de fato eu irei encontrar logo que passar o rio, o oceano, ou cruzar a montanha? Nada é mais claro do que as respostas tão bem bordadas pelo autor, que, no jogo armado das intempéries da existência, dialoga com o lúdico e a simplicidade de caráter de seus personagens, que querem apenas ser felizes e vencer nessa vida.

Longe dos arquétipos ditos sonhos de consumo ou dos contos de fadas, a vida passa pela trama do autor como uma grande usina que impulsiona energia – e é essa energia que move os interesses e a visão de cada um, na busca de suas realizações. Queremos ser felizes, queremos o sucesso, queremos conquistar bens materiais e queremos tudo. Porém, é a ordem do tempo que manipula a distância do passado, revelando um futuro dinâmico, realista e que surpreende a cada dia. É nesse rumo que a

história do livro de Fabio mergulha e traça uma rota de encontros e revelações surpreendentes. Tudo se pode conquistar e tudo se pode ter, desde que saibamos estar atentos, feito o olho do felino tigre e, com a fênix interior, estarmos certos de que podemos renascer a cada mudança do jogo.

A lucidez é o barco que flutua a ordem dos que sabem ter perseverança. E nada será como antes quando esse novo mundo, que tanto queremos, se descortina. Homens e mulheres tão comuns, e ao mesmo tempo tão diferentes, desdobram em suas luas minguantes a sabedoria do desejo e de flutuar no berço da esperança. Podemos ter um amanhã muito melhor que hoje, mas teremos que conquistá-lo e vencer grandes batalhas. Essa é a grande verdade que o autor nos revela, e ao mesmo tempo nos tranquiliza, fazendo com que toda coragem interior do tigre seja como as asas da fênix, que das cinzas refaz o destino.

Então nada de culpas ou síndrome de qualquer coisa... os rótulos que são apregoados não construirão esse mundo novo que se almeja! Por isso, se você encontrar uma formiga, um tigre, um advogado, ou um mendigo, saiba que em todas essas naturezas existe um universo. Quando nessa história o autor nos transporta para uma viagem, o que confrontamos são os universos diferentes de cada um. Um sonho de um não é o mesmo sonho de outro, mas podemos participar do sonho de cada um e assim partilhar e contribuir com nosso esforço e suor. Não podemos viver na clausura e despertar em nós o egoísmo de afirmar que na solidão vamos edificar uma torre de Babel. Nunca foi assim e nunca será! E isso está explícito no trajeto que a trama vai revelando e arquitetando; o sentido do vencer, do vencedor, do conquistar com astúcia e habilidade do tigre, a força divina que cada ser possui.

Sofremos todos da nostalgia e da utopia de um mundo melhor, mas é a esperança, que, feita tempero, nos alimenta e faz com que possamos ousar e vencer todos os nossos desafios. São esses vencedores que o autor quer revelar e trazer ao mundo, como os grandes navegadores do século XXI. Navegadores que, com seus instrumentos tecnológicos, farão do nosso tempo um lugar dinâmico e de fato inovador. Seja em uma grande capital ou em uma cidade pequena no interior do Rio Grande do Sul, onde for, é aos homens visionários e protagonistas que o mundo vai desafiar as conquistas.

Nada é mais estridente que o colapso do medo. Por isso, nas teorias explícitas do autor, que no seu passado ousou e soube refazer-se feito fênix, driblou o medo e com toda a coragem do tigre trouxe respostas, numa

sequência de cenas, feito um longa-metragem, a história vai infiltrando em cada plateia o sentido do vencer sem medos, conquistar os sonhos de cada um com alegria e poder partilhar a magia da existência e de tudo que está aí para nos servir.

Nada será como antes depois do último capítulo deste livro, até porque a viagem que você, leitor, fará é uma das melhores que pode haver.

Embarque com a alma e o coração lavados, pois degustar cada capítulo dessa tão singela obra é descobrir que, com um pouco de astúcia, podemos vencer qualquer desafio.

Ricardo Zimmer

Gaúcho de Dona Francisca, RS, Diretor de cinema, roteirista e escritor. Dentre outros feitos, adaptou para o cinema a obra de Moacyr Scliar, "O Exército de um Homem Só". Ele desenvolve o projeto Cinema Independente do Brasil, onde as produções audiovisuais encontram novas linguagens.

O Autor

Fabio Toledo é empresário, consultor e professor de pós graduação. Executivo internacional com mais de vinte anos de experiência, foi Superintendente de Tecnologia e Inovação (CTO) em uma grande concessionária de energia elétrica nacional, coordenador executivo de renomados programas de pesquisa e desenvolvimento e membro de conselho de administração de empresa. Foi ainda executivo expatriado na França e na Inglaterra por mais de quatro anos e participou também de missões internacionais em dezenas de países. Executivo premiado internacionalmente, depositou diversas patentes, publicou múltiplos artigos, palestrou, debateu e presidiu diversas sessões em renomados congressos e concedeu dezenas de entrevistas para a imprensa internacional. Autor de livros publicados no Brasil e no exterior, possui sólida formação internacional, que inclui múltiplos MBAs.

Sumário

Introdução	1
1. O primeiro passo para recomeçar	7
2. O despertar rumo ao sucesso.....	25
3. A vida ensina se estivermos dispostos a aprender.....	33
4. Estratégia é essencial aos vencedores.....	45
5. O despertar do tigre	57
6. Tirando proveito dos sinais, da dor e das oportunidades que a vida oferece	73
7. Elaborando o planejamento estratégico pessoal.....	89
8. O reencontro de Maurício e Chun	103
9. Do planejamento estratégico pessoal ao planejamento estratégico empresarial.....	113
9.1. Gestão estratégica e marketing pessoal.....	117
9.2. Atenção à sua imagem.....	118
9.3. A importância do <i>networking</i>	121
9.4. A importância da comunicação.....	125
9.5. Aprendendo a argumentar e a negociar.....	133
9.6. Assumindo as rédeas de seu autodesenvolvimento	137
10. Aprendendo a gerir suas finanças, carreira e negócios	139
10.1. Quanto você vale?	140
10.2. Qual é o meu perfil pessoal e profissional?	149
10.3. Qual é o perfil dos meus clientes?	151
11. Exercendo a criatividade e descobrindo um nicho de negócio	155
12. A reaproximação da família.....	167

13. Aprendendo a inovar.....	173
13.1. Somos predestinados a inovar, desde os primórdios.....	175
13.2. Por que inovar?	178
13.3. Integrando a inovação ao nosso dia a dia	180
13.4. Inovando estrategicamente - transformando ideias em realidade.....	182
13.5. Mãos à obra: a perfeição vem da prática	190
14. Despertando e desenvolvendo o protagonista, o líder e o empreendedor que há em você	193
14.1. Proatividade estratégica	196
14.2. Perseverança, responsabilidade, raciocínio lógico e analítico e resiliência	197
14.3. Fé, autoestima e autodesenvolvimento	201
14.4. Liderança vencedora	202
14.5. Empreendedorismo	206
15. O vencedor em mim	209
O Réveillon.....	217
Epílogo.....	225
Bibliografia.....	227
Livros.....	227
Notas de aula	229
Artigos da internet	230

Introdução

Um anúncio de bordo informava que os preparativos para a decolagem estavam em andamento e que o avião partiria em aproximadamente trinta minutos. Estávamos há dois dias do réveillon de 2013, que passaríamos na China. A comissária aproveitava o ensejo para desejar um feliz ano novo para todos. Passaríamos a virada do ano na cidade de Shenzhen, mais especificamente em um parque de entretenimento chamado “Window of the World”¹. Trata-se de um lindo parque onde encontram-se miniaturas de diversas maravilhas arquitetônicas do mundo, tais como a Torre Eiffel, a antiga cidade de Atenas, as torres de Pisa e de Londres, pirâmides e esfinges. Enfim, um lindo local por onde tantas vezes passei viajando a negócios, sem sequer prestar atenção. Além do mais, ficava pertinho de nosso hotel e poderíamos ir e voltar a pé, dada a proximidade e os baixíssimos índices de violência no local.

Quantas vezes abri mão de passar o réveillon com minha família. Minha irmã mais nova, Camila, ainda estava em Gramado, no Natal Luz, com minha mãe Judith e meu pai Ângelo. Eles passarão o ano novo lá. Na verdade, passam todo ano. Como prefiro Gramado no inverno, sempre fiz de tudo para dispensar esse compromisso familiar e aventureiro que mais parece ser de guloseimas que outra coisa, afinal uma cidade com atmosfera de aldeia de conto de fadas não fazia muito meu estilo... mas me interessavam os chocolates de Gramado, que, mesmo não sendo Páscoa, têm um sabor indescritível. O fato é que precisava me reaproximar de minha família. Precisava conhecê-los de novo. Por isso passei o Natal em Gramado com meus pais e irmãs. Engraçado que já estive na cidade diversas vezes, inclusive no Natal, ainda que a contragosto. Mas, dessa vez, foi diferente. Acho que captei a magia do Natal, emocionei-me com o coral das crianças, assisti ao show das águas dançantes e fui até a casa do Papai Noel. Pela primeira vez senti a felicidade das pessoas e de minha família,

¹Janela do mundo, em português.

consegui me conectar à atmosfera local. Estava feliz! Isso pode parecer simplório para muitos, mas, para mim, era uma vitória, vide meu pragmatismo e insensibilidade usuais. Agora sigo para o réveillon com minha esposa Clara e minha filha Estella e pretendo gozar de outra experiência similar. Não há como recuperar o tempo perdido, mas sempre há tempo de construir um futuro melhor e ser feliz.

E aqui estou eu, a bordo deste avião, viajando para a China. Um lugar que, de um tempo para cá, me instigava, repleto de dialetos e tradições. Procurava entender as particularidades de cada etnia. Mergulhei na relação entre os Han e os Uigures, bem como nas origens dos conflitos entre eles. Até especulei sobre o império dos Uigures, maior colônia dos filhos do sol da antiga Lemúria. Teria a Lemúria realmente existido concomitantemente com Atlântida? Buscava no passado a história das diversas etnias locais para desvendar suas culturas e como elas se refletem na China moderna. Registros mais antigos dizem que nos tempos mais distantes a China foi governada durante dezoito mil anos por uma raça de reis divinos – de acordo com o manuscrito Tchi, um fascinante paralelo com revelações semelhantes a respeito da Índia, do Japão, do Egito, e da Grécia, feitas no “Ramaiana”, no Kojiki, na história de Meneton e na Teogonia de Hesíodo... tudo isso me encantava. Essa China tão antiga, tão cheia de histórias milenares envoltas de personagens que povoam minha aguçada imaginação, em todos meus dias, minhas horas e meu tempo. E pensar que, até uns anos atrás, tudo isso teria passado despercebido por mim... para ser franco, jamais teria me dado ao trabalho de pesquisar a respeito. Não importava quantas vezes por lá passasse, seria apenas para tratar de negócios, nada além... afinal, qual seria a importância de tentar entender o local, as pessoas, sua cultura? Nossa, como mudei...

Shenzhen está localizada na província de Guandong, bem ao sul do país, ao norte de Hong Kong. Shenzhen tem um marco histórico moderno, sendo a primeira cidade chinesa a abrigar uma zona econômica especial do governo chinês em 1979. Isso transformou radicalmente esta bela cidade, fazendo sua população crescer exponencialmente. Hoje, Shenzhen figura como um dos principais centros financeiros da China.

Shenzhen me encantava ainda mais por ser uma cidade recém-criada, tipo Brasília. A modernidade é evidente e ainda fica pertinho de Hong Kong. Nada como fazer compras nessas cidades, tamanha a variedade, além dos preços acessíveis – ainda que uma boa análise seja necessária para fugir das “réplicas” de marcas originais... em minhas viagens a negó-

cios, só fiz comprar; nunca havia me atentado para a cidade, sua arquitetura moderna, suas paisagens. E agora, com minha família, por certo seria diferente, inesquecível.

Sentado em minha poltrona no avião, vislumbrava o rostinho delicado de Estella, agora já com quase dezoito anos, e de Clara, que dormiam nos assentos ao lado, exaustas de tanto fazer compras no aeroporto. Mal se acomodaram em seus assentos com os cintos de segurança e já haviam pego no merecido sono. Olhava para minha filha e pensava... como minha “pequena” cresceu... o tempo passou e não notei... quantas e quantas vezes deixei de aproveitar esses momentos por estar deveras ocupado alimentando meu egocentrismo, em meu mundo de negócios. Afinal, eu era o Ricardo Grecco, diretor técnico de uma das maiores multinacionais de tecnologia da informação do mundo, responsável pelos desenvolvimentos da empresa no Brasil e na América Latina. Eu me achava todo poderoso e insubstituível... ledo engano...

O ex-eu mais parecia um cometa em ebulição no universo do que um próprio humano, sem tempo para mais nada àquela altura da minha vida profissional. Até me recordo da última vez em que havia colocado os pés na areia da praia até decidir mudar minha vida... pasme, há cinco meses (o que para um carioca é uma afronta)... mas depois que assumi a ideia de revolucionar a minha vida, a vida de pessoas e de empresas, até avalio o convite do meu vizinho para fazer o Caminho de Santiago de Compostella. Não; o ex-eu, em carne e osso, de barba feita e com seu terno Armani, jamais avaliaria tal proposta nem estaria em pleno voo rumo à China a lazer, atravessando o planeta e sobrevivendo a mais de 24 horas de voo apenas para se divertir e curtir a família.

De volta à realidade, aproveitava o sono de minha família para observar atentamente o ambiente em que eu estava inserido, o avião. Engraçado, pensava eu, tantas e tantas vezes estive aqui e nunca prestei atenção, ainda que alguns procedimentos pudessem impactar minha própria segurança em casos de emergência. E olha que, de tanto que costumava viajar a negócios pelo mundo, poderia dizer que morava mais no avião do que em terra firme. Ainda mais intrigante é o fato de, apesar de ter colecionado milhões de milhas no cartão de fidelidade dessa companhia aérea, era a primeira vez que estava aqui para uma viagem de lazer.

E imaginar que tantas vezes inventei as mais diversas desculpas, para adiá-la, ainda que inconscientemente. As desculpas me pareciam tão reais que até me convenci de que eram verdade, e nunca me dei ao direito de

gozar do dinheiro que ganhei pelo árduo trabalho que sempre executei. A verdade é que ganhava dinheiro pelo dinheiro e até guardava, sem saber direito para o quê. A ganância nos cega e chega pouco a pouco, de maneira imperceptível, e, quando nos damos conta, ganhar dinheiro e poder se torna a razão principal de nossa vida. Como meus valores mudaram... não que agora abomine o dinheiro, mas agora ganhar dinheiro é apenas o meio, e não mais o fim. O meio necessário para curtir a vida com minha família, amigos e ajudar pessoas. Finalmente entendi que o dinheiro é apenas mais um recurso deste mundo, dentre tantos outros, para ser utilizado em prol do que realmente importa, dos verdadeiros tesouros, até então imperceptíveis para mim. Engraçado quantas coisas se passavam ao meu redor sem eu me dar conta. Via apenas com os olhos, quando tenho tantos outros sentidos em meu corpo, à minha inteira disposição. Que bom que decidi mudar... Decidi enxergar o mundo de maneira diferente.

Estava tão concentrado em meus pensamentos que quase não notei um homem alto, magro, grisalho e de notórios olhos verdes que desabotoava o paletó de seu terno na minha frente, provavelmente para não amarrotá-lo e para que pudesse viajar mais confortavelmente. Seria apenas mais um executivo rumo à China, mas, para mim, o gesto trazia lembranças significativas e coincidentes com minha reflexão segundos antes. Ele me fez lembrar do quanto tudo poderia ser diferente, ou melhor, completamente diferente, não fosse a oportunidade de ter conhecido meu amigo e eterno mestre Maurício Giordano, de maneira tão improvável, na Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, anos atrás. Convivi com ele em Faxinal do Soturno, um lugarejo de imigração italiana no coração do Rio Grande do Sul. Como aprendi naquele lugar...

Sem que me desse conta, como Maurício me ensinou, notei que já havia analisado detalhadamente cada procedimento realizado pela tripulação de bordo no avião e pensei em como eles poderiam ser inovados. Busquei aprender e entender as razões por trás de cada ação. Transferei cada procedimento para a realidade dos negócios de meus clientes e para a minha vida cotidiana imaginando como poderia aprimorá-los com aquele aprendizado e vice-versa. Agora isso fazia parte de minha essência. Sabia que, por mais que os negócios fossem complementarmente diferentes, sempre havia aspectos comuns entre eles. Por isso, deveria sempre vivenciar cada momento de minha vida - afinal, sempre estive nos lugares, mas raramente os percebia. Analisei cada pessoa que entrou no avião... tentava imaginar sua história de vida, sua profissão, seus anseios

e angústias, enfim, tentava perceber o verdadeiro ser humano por trás das máscaras que muitos usam no dia a dia. O que elas estariam sentindo naquele momento? Medo? Ansiedade? E o mais importante: o que será que estaria corroendo as suas almas? Aqueles pensamentos mais íntimos, como os de culpa, arrependimento, sonhos e da eterna busca pela felicidade que idealizamos. Ainda mais agora, que estávamos a poucos dias de 2014, quando todos deveriam recomeçar. O nome *réveillon* é uma derivação do verbo francês *réveiller*, que significa “despertar”. A palavra surgiu no século XVII para identificar jantares longos e chiques que passavam da meia-noite na França, às vésperas de datas importantes. Tropicalizado, no Brasil, simboliza a virada do ano. Era, portanto, tempo de refletir, mudar, rever valores – ao menos é o que se prega. Quantos de nós põem em prática as mudanças almeçadas? Será que aquelas pessoas a bordo o estavam fazendo? Eu o fiz! Será que sabiam o significado da palavra *réveillon* ou seriam daquelas tantas pessoas que apenas repetem coisas rotineiramente, sem nem saber o porquê, tal como já fui?

Eu ria comigo mesmo vendo como agora eu percebia as pessoas e os detalhes do ambiente automaticamente, sem sacrifício algum e sem nem me dar conta... agora eu sentia a verdadeira essência da inovação, do protagonismo e do empreendedorismo correndo em minhas veias. Enfim eu conseguia me conectar e perceber o ambiente com detalhes! Em outras palavras, eu era capaz de inovar, pois só inovam aqueles que são capazes de perceber detalhes.

Inexplicavelmente, aquela lembrança me remeteu ao Natal de 2002 e a um filme que assisti. Minha esposa, Clara e eu estávamos em nossa casa, na Barra da Tijuca, no Rio 50 graus, nessa época apocalíptica de verão cada vez mais quente e preocupante para os defensores da natureza ou aqueles que creem que o tal aquecimento global está colocando em xeque a vida na terra.

Clara me fez abdicar da praia para assistir ao filme “Matrix” na TV, afinal sua continuação estrearia no ano seguinte no cinema e ela gostaria de assistir a meu lado. Eu tentava a todo custo dar uma desculpa para não fazê-lo, mas o fato de seu lançamento ter sido em 1999 e até o momento eu não ter cumprido a promessa de assisti-lo com ela foi um argumento forte o suficiente para me convencer a sentar no sofá, ainda que meu pragmatismo me fizesse me odiar por tal feito. Naquela premiada trilogia, Thomas A. Anderson, apelidado de Neo, interpretado pelo ator Keanu Reeves, podia se conectar à Matrix, aquele ambiente ilusório que interligava o meio

ambiente e os seres humanos que nele habitavam, a um gigantesco sistema computacional. O fato é: por mais que na época eu achasse absurdo, agora corroboro um pouco da lógica do filme, pois compreendi o valor de me conectar ao ambiente e às pessoas nele inseridas. Isso é essencial por diversas razões. Por exemplo, como inovaríamos sem entender as reais necessidades das pessoas, principalmente as não ditas? Será que uma inovação pode ser aplicada em qualquer ambiente? Seria ela bem recebida em um ambiente hostil, ou este deveria ser preparado?

Sentia-me como Jake Sully, interpretado por Sam Worthington, no também premiado filme “Avatar”. Ex-fuzileiro paraplégico que inicialmente segue para Pandora em busca de capital para pagar por uma operação que o curaria da paralisia, ao conviver e entender os valores dos Na’vi, nativos humanoides locais, e ao se conectar ao planeta, percebe que sua paralisia ia além da física. Quando finalmente consegue se conectar à Árvore da Vida e à essência do planeta e dos seres que nele habitam, consegue enxergar o mundo por outro ângulo e percebe tudo aquilo que antes lhe era insignificante.

Quem diria que eu, um executivo internacional renomado e pragmático, estaria falando de filmes de ficção científica e, o pior, aprendendo com eles... por insistência da Clara, sempre fui obrigado a assistir muitos filmes, de inúmeros gêneros, mas nunca procurei entender sua essência. Agora, a cada filme que lembrava ou assistia, conseguia entender e tirar algo de bom para minha vida pessoal e profissional. Filmes são apenas exemplos. Dá para tirar lições importantes de cada ação de nossa vida, por mais simples que ela seja, como plantar flores em um jardim. Para tal, precisamos estar lá de verdade, vivenciar, perceber...

Ouçó o aviso do comandante para apertar os cintos. As comissárias fazem as demonstrações de segurança e os últimos preparativos para a decolagem. Ao meu redor, quase todos dormem.

Eu, por outro lado, decolo rumo às minhas memórias, onde guardo os aprendizados que mudaram minha vida graças a Maurício e Chun.

Jamais poderia imaginar o quanto a história daquele empresário e daquela garota de programa mudaria minha própria história e me faria rumar para o verdadeiro sucesso pessoal e profissional.



1. O primeiro passo para recomeçar

Nem acredito que chegamos! *Uhuuu, será maravilhoso!!!*, exclamaram Clara e Estella. Foram seis horas de viagem da Barra da Tijuca a Búzios e ambas vibravam de alegria. Eu sorria entre os dentes, para não transparecer o quanto estava irritado por fazer aquele passeio e pelas horas que passei no engarrafamento. Para elas, estar em Búzios valia qualquer sacrifício.

Armação dos Búzios, ou apenas Búzios, é um município da Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro, localizado a cerca de 170 quilômetros da capital. É uma bela península com mais de vinte praias belíssimas, algumas com águas quentes e outras geladas. Tem até praia para quem quer ficar nuzinho, como veio ao mundo, como os naturistas gostam. Enfim, praias lindas e para todo gosto, tais como Ferradura, Geribá e Tartaruga. Além das praias, Búzios é famosa pela visita da atriz francesa Brigitte Bardot, em 1964. Ela foi tão importante para o desenvolvimento da região que tem uma estátua sua lá, uma orla própria – a Orla Bardot – e várias ruas e estabelecimentos mencionando seu nome. Alguns consideram Búzios a Saint-Tropez brasileira. A cidade é visitada periodicamente por turistas do mundo inteiro, mas nos feriados, especificamente no carnaval, como diria a Estella, o local “bomba” porque é “irado” e tem uma “vibe” muito louca! Por incrível que pareça, esse conjunto de palavras sem sentido é um elogio ao local e explica o porquê de ser único.

Apesar de estar em um local paradisíaco, o barulho das pessoas festejando era irritante para os meus ouvidos. Adicionalmente, o cheiro da maresia era incessante e insuportável. Era sexta-feira, véspera do carnaval de 2013. Estávamos em nossa casa de praia em Búzios, como fazíamos todo ano. Eu ainda tinha que descarregar o carro, pois as duas princesas se esqueceram desse pequeno detalhe e, como sempre, sobrava para o escravo aqui. Minhas discussões com Clara eram frequentes. Não aguentava esse jeito desligado dela, isso me irritava ao extremo. Mas decidi não

explodir dessa vez. No fundo, sabia que o problema era comigo. Não me importava com Clara, mas não queria estragar a felicidade da Estella, que sempre fora minha razão de viver. Já tinha tão pouco tempo com ela... não seria justo estragar tudo.

A empresa em que trabalhava ia mal das pernas, só eu já havia demitido mais de duzentos colaboradores em janeiro... o clima estava tenso, discussões faziam parte da rotina da empresa por causa da queda nas vendas no Brasil e, em uma dessas discussões com o idiota do presidente, decidi pedir demissão. Com o meu currículo, sabia que emprego não faltaria. Na verdade, com poucos minutos de demitido já havia recebido duas propostas de emprego, felizmente. Não aguentava mais, só que, no fundo, amava aquela empresa e não queria ter saído assim. Na verdade, me dei conta que só tinha a empresa, era uma das minhas principais razões de existir. Nos anos em que lá estive, me entreguei de corpo e alma a ela e esqueci da família, dos amigos e de mim... sentia um vazio... como se tivessem tirado uma parte de meu corpo.

Minha irritação era tamanha que não conseguia sequer admitir a felicidade lá fora. É horrível admitir, mas isso estava me incomodando. Será que não respeitavam minha irritação? Não podiam se calar e parar de cantar aquelas músicas idiotas cada vez mais altas? Não sei o que era pior: se o cheiro da maresia ou do churrasco do meu vizinho. Na verdade ele queimava a carne, não fazia churrasco. Tomara que não ouse me chamar para comer lá dessa vez para que eu não tenha que fingir que aquela carne dura, de tão passada, estava descendo bem...

– Velho... ô velho... – era Estella interrompendo meus pensamentos. Não tinha direito nem de pensar enquanto carregava as malas para dentro! Fora isso, eu adorava, para não dizer o oposto, aquele termo: “velho”. Em plena crise dos quarenta, aquilo soava avassalador a meus ouvidos. Fazia-me lembrar que o tempo passou e não vivi. Mas me fingi de simpático e fui saber o que era. Ela queria que eu fosse à Rua das Pedras buscar hidratante. Claro que não era um hidratante qualquer, mas um específico, feito naturalmente, que só vendia na loja tal, na Rua das Pedras. Afinal, minha filha não poderia viver sem esse item tão importante por uma noite sequer!

Já passava da meia-noite, mas tudo fica aberto na Rua das Pedras. Neste *point* o movimento começa cedo e se estende por toda a madrugada. Lá se concentram restaurantes, bares e lojas de luxo que contam com clientes brasileiros e estrangeiros sedentos por entretenimento. Eu, no entanto,

só pensava que o trânsito local estava cada vez pior e, mesmo a poucos quilômetros, gastaria quase meia hora para chegar – além do mais, teria que estacionar o carro. Mas como negar algo à minha filha, já que a minha culpa por estar sempre ausente me corroía?

Após muito trânsito e irritação, lá cheguei. Após percorrer ruas lotadas, finalmente achei a tal loja. Comprado o “bendito” hidratante, resolvi me sentar para comer um crepe. Não há crepe igual no Rio de Janeiro como naquela creperia. Já que estava lá, saborearia um delicioso crepe de camarão com catupiry e outro de banana com chocolate, de sobremesa.

Após eterna espera, consegui uma mesa. O lugar tem filas constantes dada a alta demanda dos clientes, principalmente em plena véspera de carnaval. Na verdade, como estava sozinho, compartilhei uma mesa com um grupo de desconhecidos que lá estavam e tiveram a gentileza de aceitar minha companhia. Normalmente eu não faria isso, mas queria muito meu merecido crepe e essa me pareceu a única alternativa viável.

Dentre meus companheiros de mesa, uma pessoa se destacava. Era Maurício. Não sei exatamente o porquê, mas seus olhos chamavam atenção. Não apenas pelo fato de serem verdes, mas por passarem firmeza, convicção e também um certo encantamento que se traduzia em credibilidade. Não sei explicar... pareceriam os olhos de um tigre a conquistar sua caça. A presa é enfeitada de tal forma pelo tigre que às vezes nem se move e já é abatida. Sempre amei esse animal... ele é imponente, desbravador, guerreiro e corajoso! Parte em busca de sua conquista! Mamãe, ao querer me motivar quando me sentia abatido por algo, sempre dizia: *olhos de tigre, meu filho, você é capaz! Vá e vença, pois confio em você!* E eu me sentia o homem mais forte do mundo! Enfim, o fato é que o jeito de olhar daquele homem me intrigava.

De fala mansa, aquele homem, alto e quarentão, me transmitia segurança nas palavras. Talvez por isso eu tenha resolvido abrir a minha vida a um estranho. Falei da situação na empresa, que me demiti, da minha situação familiar cada vez mais instável... ele me escutava atentamente, como se eu fosse a pessoa mais importante do mundo. Isso me fazia falar mais e mais...

Maurício emitia um ou outro comentário, mas claramente estava escutando e não apenas ouvindo. Sempre achei que essas palavras fossem sinônimas, mas futuramente aprenderia com Maurício que não são. Quando você presta atenção em uma coisa, você está escutando, ou seja, o

assunto é analisado por seu cérebro, ao passo que ouvir é apenas usufruir passivamente do seu sentido de audição, ou seja, as palavras “entram por um ouvido e saem pelo outro”, como diz o dito popular. Escutar exige ouvidos apurados, capazes de sentir, de perceber, de se conectar ao outro e ao ambiente e captar não apenas as palavras, mas aquilo que está por trás delas e raramente é dito. Ou seja, é um talento essencial para inovar, cada vez mais raro no mundo de hoje, onde cada um está preocupado com o seu próprio umbigo, sem saber que são justamente os estímulos que recebem do próximo e do ambiente que o tornarão uma pessoa diferenciada.

Dentre os comentários que ele emitiu, lembro que um em especial me irritou muito. Estava contando que a crise na empresa se deu porque ela não inovava o suficiente quando ele me interrompeu e perguntou: *você se refere a você mesmo, suponho?!*

Sem perceber, indiretamente estava de fato me referindo a mim mesmo. Afinal, a empresa não tinha vida, seus colaboradores sim – e eu era um dos dirigentes daquela organização. Ainda tomado pelo espanto da audácia daquele sujeito, escutei de seus lábios a afirmação categórica de que eu era um mero coadjuvante e que eu precisava admitir a verdade para mim mesmo, pois só dessa forma eu me libertaria para seguir rumo ao sucesso. Aquilo me enrubescer a face... foi um soco na boca do estômago! Quem esse idiota pensava que era? O Dalai Lama? Quando eu ia explodir, como se lesse meus pensamentos, ele me perguntou:

– Estás irritado com o que ouviu ou consigo mesmo?

Mesmo com raiva, refleti por alguns segundos e notei que, no fundo, ele estava certo. Engraçado como a resposta da maioria das coisas está dentro de nós mesmos. Lembrei-me do tempo em que frequentava a Igreja Católica. Era um mero expectador, nunca me engajei, mas lembrei de uma frase específica, atribuída a Jesus Cristo, provavelmente o homem mais sábio que a Terra já conheceu. Segundo o evangelho de João, ele disse: “a verdade vos libertará” (Jo 7, 16). Acredito piamente que a verdade está dentro de nós mesmos. Duro, porém, é admitir! Sempre fui obrigado a ir à missa pelos meus pais. Católicos praticantes, não me deixavam faltar um domingo sequer. Líamos a Bíblia com frequência em casa, mas jamais havia prestado a devida atenção ou trazido os ensinamentos para o dia a dia. Sempre me confessava com o padre e achava isso ridículo, pois as pessoas voltavam a pecar. O padre era um mero instrumento. Eu precisava confessar a verdade a mim mesmo para que eu pudesse me libertar e recomeçar. Por mais difícil que fosse admitir, eu não havia sido um protagonista. A

verdade era que Maurício foi capaz, em poucos minutos, de fazer meu cérebro, estagnado pela rotina, voltar a raciocinar...

De fato, era minha obrigação alinhar a cultura da empresa às necessidades do mercado e prover educação às pessoas que garantissem constante inovação e engajamento. Mas é mais fácil agir como criança e culpar os outros ou até eventos fantasmagóricos. Pensando nisso, lembrei-me de quando Estella era pequena e ouvi o barulho de um copo quebrando. Ela disse: *papai, o copo caiu* – belo tempo em que não me chamava de velho ainda. A frase soa como se uma força oculta tivesse pego o copo e o derrubado no chão. Ela deveria ter dito: “papai, eu derrubei o copo”. Na época apenas sorri e pensei como é difícil para uma criança admitir a culpa por um feito... e hoje, eu, barbado, fazia a mesma coisa involuntariamente. Agia como um mero espectador.

Notei que Maurício sorria e eu quis saber por quê. Ele disse que eu o lembrava alguém: ele mesmo, anos antes. Disse ainda que ele mudou radicalmente seus valores após ter conversado com uma acompanhante de luxo em um voo para a China e resolveu recomeçar sua vida. Confesso que não resisti e dei uma gargalhada... como poderia uma prostituta ensinar lição a alguém? Fui interrompido por seu olhar sério e centrado, que me fez calar prontamente e ouvir. *Ricardo, dizia ele, nessa vida tudo e todos nos fazem aprender lições valiosas. Basta estarmos atentos e conectados o suficiente para perceber. O egocentrismo nos faz pessoas e profissionais medíocres, pois nos dá a convicção de que temos todas as respostas, quando na verdade sempre precisamos de nosso próximo e do ambiente onde estamos inseridos. São os diversos estímulos que recebemos dos outros e do ambiente que nos fazem refletir e, ao trazê-los para nossa realidade, achar respostas para nossa vida.*

Inovar de verdade e continuamente, dizia ele, é como se estivéssemos no que tecnicamente chamamos de um constante brainstorming. Eu sabia bem o que era um *brainstorming*, tinha sólida formação profissional. A meu ver, o *brainstorming*, que poderia ser traduzido para o português como “tempestade de ideias”, é uma atividade que estimula a criatividade em equipe, realizada geralmente em grupo. Coloca-se um assunto em pauta, tal como um novo produto a ser desenvolvido ou uma maneira de aumentar a produtividade, e diversas pessoas dão ideias com um objetivo comum. Por mais absurdas que possam parecer, nenhuma ideia deve ser descartada. Depois, o grupo, em conjunto com o moderador responsável pela atividade, depura as diversas ideias e chega a um denominador comum que inove o estado da arte e atenda à questão inicial. A ideia é aperfeiçoada até

que esteja madura o suficiente para entrar em prática. Conheço o assunto e sei que o *brainstorming* precisa ser realizado coletivamente – e mais que isso: com todas as pessoas focando em um mesmo assunto. Agora vem esse camarada me dizer que podemos fazer um *brainstorming* de forma individual? Apenas com o objetivo de desmoralizá-lo diante de meu vasto conhecimento em relação ao assunto, decidi deixar que prosseguisse, mas solicitei que, dado meu pragmatismo, me desse um exemplo concreto.

Maurício me disse então que prestou consultoria para uma empresa de sucos. O diretor de estratégia da empresa buscava uma maneira de alavancar as vendas do seu produto. Já havia feito diversos *workshops* internos, que incluíam *brainstormings* com a presença de renomados consultores externos, e traçado diversas diretrizes, mas nenhuma obteve êxito. Após analisar o processo, Maurício notou que a principal causa da falta de êxito era o fato de as pessoas estarem se limitando a inovar dentro do ambiente de opções conhecidas. Tais opções se resumiam a estratégias bem-sucedidas realizadas por outras empresas do mesmo segmento. No fundo, no fundo, os exercícios de *brainstorming* que estavam realizando mais soavam como um exercício de *benchmarking*.

O *benchmarking* é um método eficaz de gestão que, em linhas gerais, serve para comparar produtos, serviços, processos e indicadores com outras empresas. Esse exercício se torna limitado se só compararmos empresas do mesmo segmento quando, na verdade, as melhores práticas poderiam ser obtidas através de empresas de outros segmentos também. Mais do que isso, poderiam ser obtidas por eventos externos, de forma despreziosa, que nada têm a ver com o mundo corporativo, como em uma conversa com uma criança, por exemplo. No caso específico, apesar de o *benchmarking* ajudar, até certo ponto, a empresa a inovar em relação ao que faz hoje em dia, não necessariamente a faz inovar perante o mercado onde está inserida; afinal, como as melhores práticas estão sendo obtidas de outro, conclui-se que já estejam sendo praticadas. No *brainstorming*, precisamos “sair da caixinha”, sair dos padrões, da obviedade – precisamos de novos parâmetros de captação de ideias para verdadeiramente inovar.

Outra coisa que Maurício constatou foi que as pessoas não estavam abertas e engajadas no processo de inovação. O clima também não era bom. O chefe participava da ação e não necessariamente estava disposto a receber uma ideia de seu colaborador, pois, erradamente, se sentiria incompetente por isso. Infelizmente, essa estranha pretensão dos chefes se

acharem na obrigação de saber tudo é mais comum do que se imagina e impede que a inovação aconteça. Além do mais, apesar do exercício de *brainstorming* estar sendo conduzido com seriedade, ele cessava no trabalho.

Quase interrompi o raciocínio de Maurício nesse momento, pois pensei: *já não basta trabalhar todo dia até quase dez horas da noite? O que ele quer? Que trabalhemos durante o sono?* Pior é que, na verdade, o que ele queria dizer era quase isso...

Maurício prosseguiu e disse que o processo de inovação continuava mesmo após o *brainstorming*, pois os diversos assuntos e ideias discutidos, caso nos engajássemos de fato, eram incubados involuntariamente em nossos cérebros e, ao relaxarmos, seja dormindo ou durante o lazer, enquanto vivenciamos coisas que não têm nada a ver com o assunto discutido, nosso cérebro continuava a busca por soluções. Ele me confidenciou, inclusive, que dormia com seu bloco de notas ao lado da cama, pois era comum ter ideias de madrugada, anotar e voltar a dormir.

Maurício disse que estava em um hotel fazenda, sentado em uma cadeira, assistindo uma pessoa plantando mudas em um jardim, quando teve um *insight*. Eu definiria a palavra *insight* como uma intuição direcionada. Aquela sensação que temos quando, de repente, achamos a solução para um problema, ou parte dela. Ele ocorre justamente porque inconscientemente nosso cérebro está trabalhando em busca da solução.

No hotel fazenda Maurício observou que as mudas eram plantadas bem separadas e ficou intrigado com isso. Perguntou então ao jardineiro, que humildemente respondeu que assim eram plantadas porque, ao crescer, iam “enchendo” o jardim. Mostrou então um jardim totalmente preenchido com as mesmas plantas e que havia sido plantado de forma similar meses antes. Imediatamente Maurício teve um *insight*, transferindo o aprendizado ao negócio de seu cliente...

Diferentemente da estratégia de venda que estavam tentando, focando em um estado do Brasil e apenas após ter alta penetração de mercado seguir para outro estado, deveriam tentar “plantar suas mudas” em diversos estados brasileiros ao mesmo tempo. Após crescerem, as “mudas” iriam se “fechando” através do boca a boca – por exemplo, se o suco tivesse aceitação local – e formariam um belo “jardim”. Mas como fazer isso sem aumentar o custo de vendas? Aliando-se a um parceiro, talvez... era a hora de maturar a ideia, antes de colocá-la em prática.

Resolveram então associar a venda de sucos a um produto completamente diferente: pães. Fizeram uma campanha publicitária em diversos estados simultaneamente associando o ato de beber seu suco ao ato de comer pão. Distribuíram os sucos em diversas padarias e espalharam cartazes. Após intenso trabalho, a estratégia se mostrou um sucesso e as “mudas” povoaram cada vez mais o “jardim”, pois cada vez mais padarias pediam seu suco. Por consequência, além de elevar as vendas, a estratégia permitiu a solidificação da marca no cenário nacional.

Convencido de que se tratava apenas de mera coincidência, pedi outro exemplo a Maurício, mas agora ligado ao meu negócio específico. Observei-o olhando o ambiente e, mais fixamente, seu crepe. Ele então disse:

– Sabe essa cobertura de mel no meu crepe? Ela me faz imaginar uma solução estratégica para o seu negócio que, se tivesse sido colocada em prática há alguns meses, talvez pudesse tê-lo salvo. Vamos imaginar como esse mel foi retirado da colmeia. Você deve saber algo sobre mel, nem que seja lembrar daquele desenho animado do Zé Colmeia, o urso que sempre queria mel e muitas vezes tomava ferroadas das abelhas ao tentar pegá-lo. Como disse, de uns anos para cá observo atentamente tudo o que vejo, buscando aprender mais e mais, ainda que tais coisas não se conectem aos meus negócios ou à minha vida pessoal. Não me aprofundo no processo na maioria das vezes, mas sempre procuro entender sua essência, a lógica atrás das ações. Assim foi quando observei o processo de retirada do mel em um hotel fazenda onde me hospedei. Observando e aprendendo coisas diferentes o tempo todo, é como se eu criasse um megabanco de dados. Quando necessito de uma ideia, o acesso, inconscientemente, em busca de sinergias.

Maurício enfatizou ainda que, para poder perceber as sinergias, tanto no caso do plantio quanto no das abelhas, é necessário estar conectado ao ambiente onde estamos inseridos. Em outras palavras, é necessário perceber os detalhes dos ambientes e de nossas vivências. Quem não atenta a detalhes jamais perceberá sinergias, jamais inovará!

Além disso, a curiosidade é a melhor amiga das pessoas inovadoras. Sem curiosidade, não há como inovar. Sem ela o mundo não teria sequer se desenvolvido. Se o homem pré-histórico não tivesse tido curiosidade e a coragem de experimentar, jamais teria evoluído. Não saberia o que comer, não teria “descoberto” o fogo, e por aí vai. Sem curiosidade, não maximizamos nosso potencial de identificar sinergias, pois limitamos nosso potencial de viver novas experiências, Maurício completou.

Confesso que diversas vezes ouvi a palavra sinergia, mas nunca a compreendi em sua essência. Por isso indaguei o que seria a Maurício. Ele disse que poderíamos definir a palavra sinergia, aplicada à inovação, como a combinação de elementos distintos que resultam em algo maior que a somatória das partes.

– Para simplificar, como diz aquela música interpretada pela banda Roupa Nova, “O Sal da Terra”²: “um mais um é sempre mais que dois”. Em outras palavras, quando combinamos uma ideia, uma ação, um processo ou qualquer elemento a outro, podemos gerar um terceiro elemento ou diversos outros. Muitas ideias podem surgir quando trazemos elementos externos e os inserimos na “equação” do problema que queremos resolver. Isso é muito útil, inclusive quando lidamos com problemas complexos de resolver. Você deve estar estranhando o fato de eu ter citado uma música, mas quero demonstrar que há sinergias a serem aproveitadas nas coisas mais simples e diversas.

Ele continuou:

– Agora, voltemos às abelhas. Além do que aprendi lá, fiz pesquisas na internet. Afinal, o protagonista não se contenta com uma resposta, ele cria suas próprias opiniões a partir da compreensão do processo através dos diversos estímulos que recebe, seja através de um bate-papo, de pesquisa aplicada ou de qualquer outra forma. Por exemplo, lembro que, na minha pesquisa na internet, verifiquei que as abelhas são agressivas quando se retira o mel da colmeia porque, como qualquer pai ou mãe, elas se empenham em defender sua família contra ameaças externas. Assim sendo, por possuírem um ferrão como mecanismo de defesa, atacam o agressor injetando-lhe veneno. Para reduzir sua agressividade, o apicultor geralmente utiliza vestimentas apropriadas, de cores claras (geralmente brancas), pois as abelhas são sensíveis a cores escuras, o que provoca um ataque. Adicionalmente, ainda que hoje existam técnicas mais modernas, é comum o uso de um fumigador para injetar fumaça no local e reduzir a agressividade das abelhas. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, a fumaça não deixa as abelhas tontas. Na verdade, isso cria uma falsa sensação de incêndio na colmeia e elas passam a agir sob uma espécie de plano de contingência. Elas engolem todo o mel possível para a eventualidade de terem que deixar a colmeia e executam ações para garantir a segurança de suas larvas, afastando-se assim do apicultor, que pode trabalhar no

² Canção de autoria de Beto Guedes e Ronaldo Bastos.

local com tranquilidade. Além disso, como estão cheias de mel, elas têm dificuldade de ferroar o apicultor. Veja como é importante entender a lógica das coisas...

“Notamos, portanto, que, para o apicultor conseguir atingir o seu objetivo final é necessário que ele desvie o foco das abelhas. Pelo que você me contou, um dos motivos pelo qual sua empresa “quebrou” foi a cópia de diversos módulos de seu novo produto (software) por terceiros. Ainda que tenham sido patenteadas, as cópias foram tantas que as ações legais cabíveis seriam inviáveis financeiramente.

Talvez, no lugar da estratégia de publicidade adotada pela empresa, de divulgar o software completo, pré-lançamento, para atrair a atenção dos clientes, a empresa devesse ter divulgado apenas alguns módulos básicos, com funcionalidades limitadas. Isso possivelmente teria gerado a ação desejada nos clientes e teria convencido seus concorrentes de que as funcionalidades demonstradas seriam as únicas de seu produto final. Ao ser lançado, os módulos adicionais fariam o produto tão diferente do divulgado anteriormente, dadas as funcionalidades adicionais desenvolvidas, que as cópias feitas por seus concorrentes jamais competiriam com o produto de sua empresa. Ainda que ele fosse copiado futuramente, daria tempo de seu software ter se estabelecido como referência no mercado e de um novo produto ser lançado, em um eterno ciclo de inovação, como se exige de empresas do segmento de tecnologia da informação.”

Ainda boquiaberto com a ideia que Maurício teve em apenas alguns segundos, e já convencido da necessidade de perceber o ambiente o tempo todo e de inovar sempre, me concentrei ainda mais em suas explicações. *É importante, portanto, observar o ambiente onde estamos, nos conectar a ele e perceber o que se passa, tornou a dizer Maurício. Ter uma escuta ativa contínua através de todos os nossos sentidos, inclusive o sexto.*

– Voltando ao assunto inovação, uma outra forma importante de alimentarmos constantemente nosso banco de dados criativo é interagir com as pessoas.

Ao ouvir isso de Maurício me assustei. Sempre fui reservado. Evitava ao máximo o contato com as pessoas. *Você faz produtos para as pessoas e para desenvolvê-los precisa de pessoas, tornou a dizer Maurício, interrompendo meus pensamentos, logo, precisa entender de pessoas, não acha? Precisa entender tudo sobre elas, como elas vivem, onde moram, sua realidade econômica, financeira, social. Por exemplo, você sabe quantos filhos têm seus funcionários?*

Os problemas por que estão passando? Onde vivem? Um ótimo funcionário de repente se torna improdutivo. Não poderia ser por um problema familiar, por exemplo? E a realidade de seus clientes, você domina? Já estava louco com aquela sequência de perguntas retóricas... ai se Maurício soubesse o quanto as detestava... mas já admitia que ele estava certo na teoria. Sabia, no entanto, que na prática eu jamais o faria. Ledo engano. Distraído em meus próprios pensamentos, não vi Maurício atrair uma cliente do local a nossa mesa. A conversa estava boa e nem havia notado que seus amigos já haviam se despedido e partido minutos antes.

– Ricardo, essa é a Rita... Rita, Ricardo... – de minha boca mal saiu um “prazer” ... – Sabia que ela tem uma filha na idade da sua? Ela é empresária também, tem uma franquia de loja de perfumes aqui em Búzios. E passou a me contar a vida da tal Rita. *Como poderia ele já saber isso em tão pouco tempo? Que intrometido louco, pensei.*

Em poucos minutos a mesa estava cheia de amigas da Rita. Quase enfartei quando me dei conta de que uma amiga da Rita estava abaixando as calças em plena creperia... perante todos... mal acreditava no que via. Maurício viu que ela tinha um piercing no umbigo e uma tatuagem, parcialmente aparente na região. Então perguntou do que era a tatuagem e ela respondeu se tratar de uma borboleta. Subitamente, ele perguntou:

– Posso ver?

E ela:

– Claro que sim... – e abaixa um pouco sua calça, chegando a mostrar um pouco de sua calcinha. Maurício tinha um papo tão envolvente e extrovertido, diferente do Maurício que falava comigo minutos atrás, que fez a menina literalmente abaixar a calça. Não fosse isso já “muito louco”, como diria a Estella, ele ainda diz:

– O Ricardo não viu direito; mostre a ele novamente, por favor? – e ela torna a baixar... na sequência, foi um festival de pessoas mostrando tatuagens. O único chocado era eu, pelo visto. Em uns trinta minutos de conversa, Maurício sabia da vida “inteira” de nossas novas colegas, que insistiam por encontrá-lo na praia de Geribá no dia seguinte.

Quando partiram, vendo minha cara de espanto e incredulidade com o que vivenciei, Maurício explicou:

– Precisamos ser como camaleões, que se adaptam ao ambiente. Você pode até pensar o contrário, Ricardo, mas sou tímido por natureza. No entanto, como sei da importância de interagir, aperfeiçoou esse lado

extrovertido a cada dia. É um ciclo de constante evolução. Quanto mais interajo, mais aprendo e mais expando minha rede de relacionamentos. Tenho colegas e amigos em todo lugar, para quando precisar, e vice-versa. Além disso, sempre faço algo diferenciado, ou seja, sempre deixo minha marca. Por menor que seja o contato que tenho, raramente sou esquecido por alguém. A borboletinha foi um marco, não? –divertia-se Maurício com meu embaraço – Fora isso, sabe aquela tensão de começo de reunião? Se a reunião for feita sob esse clima dificilmente terminará bem. É preciso quebrar o gelo com uma piada, ou o que couber, de acordo com o momento e o ambiente em que estamos. Procuro conhecer as pessoas, entender suas reais necessidades, sua história de vida, suas filosofias de vida e a lógica por trás de sua personalidade. No contato com pessoas, Ricardo, é preciso ver o filme delas e não apenas uma foto.

– Não entendi – repliquei.

– O ditado da primeira impressão é importante, pois aquela imagem é marcante. No entanto, ela não define aquele ser humano. É apenas uma foto de um momento e reflete seu estado de espírito. Se estava triste, feliz, cansado etc. O que realmente define aquela pessoa é a sua história, o filme de sua vida, tudo aquilo que ela viveu para chegar até aqui e como reagiu a cada estímulo que a vida lhe ofereceu. Adoro aquela frase que, apesar de alguns divergirem da autoria, é atribuída à famosa pensadora Clarisse Lispector:

Antes de julgar a minha vida ou o meu caráter... calce os meus sapatos e percorra o caminho que eu percorri, viva as minhas tristezas, as minhas dúvidas e as minhas alegrias. Percorra os anos que eu percorri, tropece onde eu tropecei e levante-se assim como eu fiz. E então, só aí poderás julgar. Cada um tem a sua própria história. Não compare a sua vida com a dos outros. Você não sabe como foi o caminho que eles tiveram que trilhar na vida.

– Aprenda, portanto, a entender a história de vida das pessoas antes de pressupor qualquer coisa a respeito delas – e, mais que isso, aprenda com suas vitórias e tropeços. Além de alimentar seu banco de dados apenas analisando a vida das pessoas, você será capaz de se colocar em seu lugar e desenvolver sua empatia. Eu definiria empatia como a capacidade de se colocar no lugar de outra pessoa e entendê-la emocionalmente. Como ser empático sem saber o filme da pessoa? Um momento apenas não é suficiente! É preciso se identificar com ela, sentir o que e como ela sente, aprender o que e como ela aprende, desejar o que e como ela deseja...

– Mas para isso é necessário ter aptidão – prontamente indaguei na defensiva.

– Não, Ricardo. Como disse uma frase atribuída a Jesus: “é preciso amar o próximo como a ti mesmo!”

Nossa, que tapa na cara levei com essa expressão! Realmente não me importava com ninguém além de mim, me sentia a menor das pessoas... Lembrei-me de uma frase de Martin Luther King que eu sabia de cor, mas cujo profundo significado eu nunca tinha entendido: “aprendemos a voar como os pássaros, e a nadar como os peixes, mas não aprendemos a simples arte de vivermos juntos como irmãos”.

Maurício então continuou:

– Ricardo, só se ganha quando o ganho é coletivo. Apenas as reações ganha-ganha são sustentáveis. A vida é feita de trocas. Seu colaborador recebe um salário, por exemplo, mas não espera apenas isso de você. Espera não ser tratado apenas como o número de sua matrícula, por exemplo. Ele quer aprender, quer evoluir, e os que não querem desejam que um dia alguém lhes desperte a vontade de querer. Eu sei que é complexo, exige inclusive pessoas especializadas para lidar com o assunto. Por isso profissionais que lidam com a mente dos seres humanos estão em voga, tais como psicólogos e terapeutas. Não estou sugerindo que se torne um, mas que entenda um pouco dessas áreas e, mais importante, que se importe e demonstre às pessoas que se importa com elas. Quando as pessoas receberem de você o que realmente querem, coisa que geralmente elas nem sabem ao certo o que é, elas farão o impossível para dar o que você quer! Crescer juntos, Ricardo! Quanto mais você ajuda, mais é ajudado! Ajudar evidentemente não significa dar esmolas, mas uma maneira digna da pessoa crescer pessoalmente e profissionalmente.

Já não controlava meus pensamentos. Refletia sobre minha vida. Sempre me julguei uma pessoa diferenciada, mas, no final das contas, chegava à conclusão de que não era, mas podia mudar! E mudaria...

– Ricardo... – meus pensamentos foram interrompidos novamente por Maurício – Veja aquela atendente ali! Você notou que ela faz todas as contas dos clientes no papel, sem usar calculadora? Todos os atendentes também o fazem. Observe. Parece um procedimento estabelecido pela administração do local, percebe? Você já deve ter notado que muitos atendentes têm dificuldade de fazer contas de matemática e a calculadora lhes coloca em uma zona de conforto perigosa, pois basta digitar e pronto; mas

e se a conta for digitada errada? É necessário um mínimo de lógica para conferência; do contrário, o troco é dado errado. Será que eles estão prontos para tal conferência, visto que, pouco a pouco, estão desaprendendo a fazer contas? Quantas e quantas vezes já recebi o troco errado... a comodidade da calculadora limita o raciocínio das pessoas. Tal como um músculo que se atrofia pela falta de exercícios físicos, creio que o mesmo ocorra com o cérebro humano pela falta de exercícios lógicos. Não sei por que o proprietário desse estabelecimento adotou tal procedimento, mas é fato que obriga as pessoas a raciocinar. Olhe ainda como é criativa a maneira como anunciam os pedidos, via um megafone. Criativo, não? Um ambiente como esse por certo estimula os colaboradores a criar, você não acha?

– Olhe, olhe... – continuou Maurício, apontando para outro colaborador do local – Ele estava servindo a mesa e, ao perceber que um sorvete de uma mesa vizinha caiu no chão, tomou a atitude de isolar o local enquanto a pessoa da limpeza não chegava, evitando acidentes. Note que estamos falando agora de protagonismo. Ele foi proativo! A proatividade é essencial ao protagonista. O protagonista sempre prevê o que ocorrerá e toma a dianteira. Esse é um dos fatores que diferem o protagonista de seus concorrentes: ele não está acomodado, apenas executando as tarefas sob sua responsabilidade de forma robótica.

Naquele momento, lembrei de papai e me sentia envergonhado. Meu pai sempre procurou fazer de tudo. Tínhamos uma oficina na garagem onde ele me ensinava os ofícios e nunca dei a devida atenção. Ele fazia de tudo um pouco: era bombeiro, carpinteiro, pedreiro, eletricitista... lembro ainda que era rígido comigo quando exigia que eu fosse proativo ao ajudá-lo com as tarefas. Ele me fazia ter responsabilidade, como um ajudante de fato. Eu tinha uns dezesseis anos na época. Papai me pagava, inclusive, uma remuneração pelo meu serviço, mas exigia dedicação e responsabilidade. Quando ele pegava um parafuso, exigia que eu já estivesse com a chave de fenda na mão para lhe entregar, e quando emendava o fio, a fita isolante já devia estar cortada e pronta para ser usada.

Como pude ter esquecido lições tão valiosas que papai me deu? De que serviam meus tantos MBAs e outras formações sem tais ensinamentos básicos? No fundo esses cursos nos fornecem excelentes ferramentas, porém, para maximizar os benefícios de seu uso, precisamos ter como competência básica a inovação, a proatividade e outras características protagonistas.

– Quero te falar de outra coisa importante. Aprenda a ousar e correr riscos! Isso é essencial na vida de um protagonista. Corri o risco quando interpelei a amiga da Rita sobre sua tatuagem, mas qual era esse risco? Ela ter me dito não, talvez? É preciso mensurar os riscos perante os benefícios. E por falar em benefício... foi ver a tatuagem? Evidente que não, vide o sorriso coletivo, a marca que deixei, a maneira como o papo passou a fluir melhor, pois as eventuais barreiras foram tiradas, sejam elas sociais, de idade ou qualquer outra; nos nivelamos e passamos a interagir livremente. Dizem que sem correr riscos não se perde, mas também não se ganha. Eu discordo da primeira parte. Perde-se sim, pois oportunidades são desperdiçadas. E as oportunidades às vezes são únicas. Talvez fosse um “barco” rumo a um lindo destino, mas que só passaria uma vez e você não embarcou. Vejo pessoas reclamando de falta de oportunidade na vida. Será mesmo que não tiveram oportunidades? Ou não estavam conectadas o suficiente ao ambiente para percebê-las e preparados para aproveitá-las? A boa notícia, Ricardo, é que, ainda que aquela oportunidade não volte, outras surgirão e é preciso estar pronto para aproveitá-las ao máximo.

Lembro que Maurício falou ainda sobre empreendedorismo e me deu diversos exemplos de como poderíamos empreender um novo negócio a partir de objetos que víamos naquela creperia.

Ele desfez meu conceito, equivocado, de que empreender estava limitado a criar um negócio próprio. O conceito envolve muito mais. Inclui desenvolver e pôr em prática algo novo, não se acomodar, ousar, experimentar, resolver, correr riscos, errar e aprender com os erros – enfim, fazer acontecer. Eu confesso que na hora isso tudo me parecia algo utópico e de difícil execução. Calei-me, definitivamente, ao ouvir Maurício citar uma frase do pensador Lúcio Aneu Sêneca, mais conhecido como Sêneca, que diz: “Muitas coisas não ousamos empreender por parecerem difíceis; entretanto, são difíceis porque não ousamos empreendê-las”.

Ao final da conversa, me sentia um pouco envergonhado. Tinha vários MBAs e sólida formação, porém, acabara de perceber que apenas ouvi e não escutei muito do que me foi dito nesses cursos – e, principalmente, não raciocinei para trazer o aprendizado para o meu dia a dia, entender a lógica por trás dos conceitos e tirar minhas próprias conclusões. Percebi que apenas decorei conceitos que julgava saber, como *brainstorming*, *benchmarking* e sinergias. Não entendi a lógica por trás deles e, mais ainda, me limitei ao não inová-los – afinal, quem os inventou eram homens como eu e não seres superiores. Percebi, ainda, como muitos tentam dificultar

o aprendizado de certos conceitos, talvez na forma ilusória de preservar suas posições. Ledo engano... ao serem passados de forma fácil e através da prática, a lógica dos conceitos “entra no sangue” daquele que aprende e dá a oportunidade àquele que ensinou de aprender mais e não apenas ser o “guardião” de velhos conceitos, por vezes ultrapassados, nesse mundo dinâmico e conectado.

Ao perceber meu estado de culpa mista com vergonha, afinal me achava o maioral, Maurício sabiamente disse:

– Não se ocupe com o passado, Ricardo, apenas aprenda com ele. O que passou, passou, e não voltará jamais. É como a água de um rio. Mas sempre podemos fazer diferente daqui para frente. Lembre ainda que ninguém sabe tudo ou é insubstituível, pois sempre temos a oportunidade única de aprender mais e mais e evoluir.

Lembro que ele citou Jesus Cristo ao dizer que “ninguém põe remendo de pano novo em vestido velho” (Mateus, 9:16).

Ele me fez continuar com minha autorreflexão ao dizer:

– Se hoje fosse seu último dia de vida, quantos iriam a seu enterro? O que diriam lá, em sua despedida? Se ajudou muitos e para eles você foi importante, certamente dirão coisas lindas sobre você, e você viverá eternamente na mente deles e em suas ações – mantive-me em silêncio, pois a resposta íntima que tive para essas perguntas me fez pensar.

– A vida é feita de ciclos, Ricardo. Que tal aproveitar esse momento em que se desligou da empresa para recomeçar? Mas recomeçar de maneira diferente, mudando seus valores; por exemplo, em relação a sua família e aos negócios. Recomeçar é difícil, é preciso ser um guerreiro e enfrentar os desafios que a vida irá impor, e os maiores deles estão dentro de você. Por isso, tenha uma motivação para tal. Algo forte, que sempre o lembre que precisa continuar, pois vale a pena. Eu tenho uma grande motivação, que me faz continuar independentemente de qualquer desafio que a vida possa impor. Seu nome é Chun... – vi quando por alguns segundos Maurício se emocionou. O nome parecia chinês... como a conheceu? Milhões de perguntas se passaram na minha cabeça, mas antes que eu fizesse alguma ele me cortou...

– Um dia eu conto minha história com a Chun... por ora, qual é a sua motivação?

Sem titubear, respondi:

– Meus pais e Estella são a minha razão de viver e meus motivadores! Quero dar orgulho a meus pais enquanto estão vivos, e Estella precisa de mim!

– Pois então recomece por eles, Ricardo... se quiser, pode recomeçar. Precisamos ir. Já é de manhã. A conversa estava boa e não notei o avançar da hora.

– Pouco falei de mim – Maurício voltou a dizer – Há alguns anos mudei radicalmente meus valores. Eu era diretor de uma famosa consultoria e era responsável por criar novos negócios para nossos clientes. Hoje em dia sou proprietário de algumas empresas, mas, especificamente, queria falar-lhe de uma. Tenho uma incubadora de empresas em Faxinal do Soturno, uma cidadezinha linda no Rio Grande do Sul. Lá procuro divulgar e demonstrar na prática os conceitos de inovação, protagonismo, empreendedorismo e de sucesso, que superficialmente discutimos. Eis aqui meu cartão com o endereço. Caso queira, apareça lá semana que vem, após o carnaval, sem compromisso. Nossa incubadora possui ainda um sítio, onde você poderá se hospedar. Não temos conforto, mas com certeza nosso clima interiorano e inovador será ótimo para você. Convido-lhe a me acompanhar em algumas palestras, ver o trabalho da incubadora e, caso ache oportuno, incube seu próprio negócio. Afinal, nada mais nobre do que gerar empregos e oportunidades para o próximo, não acha?

E nos despedimos...

Ao chegar em casa, Clara estava preocupada. Nunca fui inconstante, mas me envolvi com aquela conversa a tal ponto... ainda que ir a essa tal de Faxinal do Soturno estivesse fora de questão – acostumado que estou a hotéis cinco estrelas, ficar em um sítio coletivo não me pareceu uma ideia acolhedora – a ideia de recomeçar não me saía da cabeça durante todo o feriado e ecoava involuntariamente em meu cérebro.

Com a sensação de que devia ter ficado louco, compartilhada por Clara, estava inclinado a aceitar o desafio e ir a essa tal de Faxinal do Soturno. Afinal, na pior das hipóteses teria férias merecidas e me isolaria do mundo... precisava ficar sozinho.

Segui então o conselho de meu novo mestre e fui pesquisar na internet a tal de Faxinal do Soturno. Me surpreendi com a beleza e com a história daquela cidade com menos de sete mil habitantes. Acredita-se que a

origem do nome Soturno venha do rio Soturno, que por lá passa. Parece que o rio ganhou esse nome porque se tratava de um local escuro, coberto de mato; logo, soturno e perigoso. Já o nome Faxinal vem de campo coberto de mato curto, predominante na região na época.

O local pertence à região da Quarta Colônia, de imigração italiana, que também engloba os municípios de Silveira Martins, Ivorá, Dona Francisca, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine e partes dos municípios de Agudo, Itaara e Restinga Seca. O nome da região foi definido por ser a quarta área de assentamento para os imigrantes italianos que vieram para o Rio Grande do Sul no século XIX. A área é famosa pela agricultura, por suas belezas naturais, por suas tradições e por seu potencial geocientífico e geoturístico. Antiga terra de dinossauros, muitos fósseis jurássicos foram encontrados nessa região.

Mais intrigante ainda foi o fato de saber que o local foi o berço de grandes empreendedores como Ângelo Bozzetto, que fundou a Fábrica de Trilhadeiras Tigre e depois a Indústria de Máquinas Agrícolas Tigre. Foi pioneiro ainda ao criar duas usinas hidroelétricas e uma distribuidora de energia na região, a Nova Palma Energia.

Divertia-me com meus pensamentos, que divagavam: seria uma coincidência minha ascendência italiana e a cidade? E o nome Tigre... seria outra coincidência, não só pelo fascínio que sinto pelo animal mas pela maneira como minha mãe me motivava a vencer? Será que eu estava predestinado a conhecer essa cidade?

Seja por curiosidade ou necessidade, decidi aceitar definitivamente o desafio e partir para Faxinal do Soturno. Liguei para o Maurício, acertei os detalhes e lá ia eu para essa aventura. Taí, uma aventura me fará bem!

A verdade é que algumas frases não saíam de minha cabeça durante todos os dias que precederam a viagem à Faxinal do Soturno:

Se quiseres podes recomeçar, Ricardo!

Olhos de tigre, meu filho, você é capaz! Vá e vença, pois confio em você!

Recomeçarei por ti, minha pequena Estella! Terás orgulho de seu papai! Papai e mamãe, vocês terão orgulho de seu filho! Prometi...

